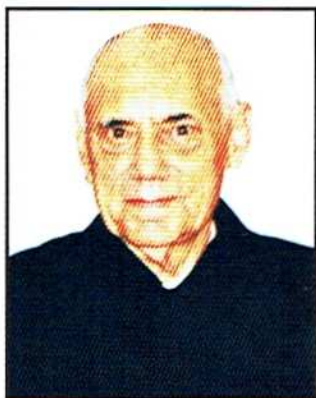




Comunidade Salesiana de Barra do Garças-MT
Paróquia Santo Antônio

Caríssimos irmãos,
Com tristeza comunico o falecimento do nosso irmão sacerdote



★ 7/1/1928
† 28/3/2009

Pe. JOSÉ BARBISAN

Depois de várias tentativas de contornar suas constantes quedas de funções essenciais de seu organismo, e em muitas delas os resultados não ocorreram devido à sua teimosia em se julgar superior à eficácia dos medicamentos, já bastante debilitado, Pe. José Barbisan entregou sua vida, ao falecer no dia 28 de março de 2009. Foi devidamente acompanhado por todos os salesianos de Campo Grande, em seu funeral e enterro. Entregou sua vida da mesma forma que a construiu, com firmeza e constância em suas posições diante dos acontecimentos; uma postura de vida fortemente embasada na escolástica como suporte para se posicionar diante de si, da vida e do mundo. Deixou a forte imagem de um salesiano dedicado aos estudos e à vida religiosa que escolhera desde criança.

O transcórre desta carta mortuária seguirá as notas deixadas por outro salesiano que o conhecera desde sua família e sua pátria natal. Esse testemunho certamente tem uma fonte certa e fidedigna, seu colega de turma, de formação e de grandes lembranças, Pe. Mano

Panziera. Pelo conteúdo, sabemos que o autor afirma e confirma que foi colega dele e conheceu muito bem a origem da vida desse irmão missionário, que veio para o Brasil em tempos de grande expansão missionária.

Sua família – sua vocação e formação

“Pe. José Barbisan nasceu aos sete de janeiro de 1928, em Volpago Del Montelio, pequena vila da Província de Treviso, norte da Itália. Ele foi o quarto dos oito filhos do casal Fortunato Barbisan e Tereza Girardi. Uma família profundamente católica, que era referência de fidelidade e observância religiosa na Vila. Foi batizado no dia 5 de janeiro de 1928; recebeu o sacramento da crisma em 18 de julho de 1935.

Para exemplificar e mostrar a qualidade do ambiente religioso da Vila, de onde provinha o Pe. José, valho-me de um fato relatado pelo Pároco. Este afirmou que, no longínquo agosto de 1942, encontrando-se gravemente enfermo o Sr. João Girardi, avô materno do Pe. José, o Sr. Pároco, visitando-o, ofereceu-se para lhe ministrar logo os santos sacramentos do Viático e da Unção dos Enfermos (Extrema Unção). O doente demonstrou alegria ao recebê-los, objetava apenas que se tratava de coisas de muita importância e que esses sacramentos deveriam ser recebidos com a presença dos filhos e que seria melhor deixar para a noite, quando eles estariam de volta do campo; e assim aconteceu!

A infância do pequeno José transcorreu feliz, ainda que modesta e de extrema simplicidade. Dos três aos seis anos de idade, frequentou um “prezinho” denominado “Asilo Infantil”, mantido por freiras; era um ambiente alegre, variado, ainda que muito barulhento. Experimentou bem cedo momentos de tristeza e de dor, ao perder um irmãozinho um pouco mais novo que ele. Dos seis aos onze anos, frequentou o primário na escola municipal da Vila, período em que foram colegas e amigos. Foi sempre o primeiro da sala, destacando-se pelo asseio pessoal, estudo e disciplina. Daí por diante, isto é, pelo resto de sua vida, seja como formando ou formador, professor e pároco ou vigário paroquial, o estudo foi a sua grande paixão, e os livros, os seus melhores amigos. Quanto mais crescia, mais amadurecia a sua vocação; sempre que lhe perguntavam o que queria ser na vida, não titubeava em responder que queria ser padre.

Ao final dos estudos primários, aguardava uma vaga no seminário dos Servitas de Monte Bérico. Como não conseguiu a vaga e o tempo foi passando, dirigiu-se então ao Aspirantado Salesiano de Bagnolo no Piemonte. Chegou lá ao anoitecer do dia 28 de outubro de 1939. Nós estávamos cantando as Primeiras Vésperas da solenidade de Cristo Rei, celebrada no último domingo de outubro, quando entrou o pequeno José Barbisan, com uma maleta na mão e mochila nas costas; eram os primeiros momentos de permanência numa casa de Dom Bosco; aquele momento se prolongaria com Dom Bosco por mais de setenta anos. Logo que nos cumprimentamos, sentiu-se seguro e feliz.

A sua vocação nasceu como semente lançada pelo Senhor da Seara em terra fértil, preparada pela santidade do lar, vida cheia de bondade e marcada pela oração. Continuava agora essa bagagem de vida em outro lugar, distante dos pais, numa outra família, a casa de D. Bosco, permeada de tanto carinho e alegria. Parecia que o Aspirantado tinha sido feito para ele, sob medida, melhor não poderia ser: superiores maravilhosos, alguns deles formados pelo próprio D. Bosco, casa acolhedora e com uma paisagem encantadora, aos pés dos Alpes, comida condizente, colegas numerosos, barulhentos e alegres, estudos sérios. Delineavam-se três momentos de uma vocação divina: o dom da vida numa família ideal, a vocação como resposta ao chamado Deus, que exige uma resposta generosa, um coração sobretudo humilde para aceitar as alegrias e as dores, e finalmente, o chamado para uma missão que se delinearía no noviciado e no resto da vida.

Ainda no primeiro ano de ginásio, veio a guerra e uma guerra desastrosa, que, porém, não lhe tirou a alegria, ainda que o obrigasse a rezar cada vez mais para os irmãos e familiares que foram convocados pelo exército, e nem todos voltaram para casa.

O jovem José Barbisan iniciou o noviciado em Vila Moglia, distrito de Chieri, aos 15 de agosto de 1943, aos 15 anos de idade. Apesar de muito jovem estava determinado a permanecer com D. Bosco. Esteve presente na cerimônia da Profissão religiosa da turma anterior e votos trienais que foram recebidos pelo próprio Reitor-Mor Pe. Pedro Ricaldone, que não deixou de impressioná-lo pela sabedoria e santidade.

Encontrou um sacerdote venerando, Pe. José Guala, que era o confessor do noviciado e havia conhecido D. Bosco quando este viajava para Roma para a inauguração do Santuário do Sagrado

Coração de Jesus e parou em Sampierdarena, perto de Gênova. Nessa oportunidade, por ainda estar na quarta série do ginásio, Pe. Guala tivera permissão de conversar e se confessar com D. Bosco.

Durante o noviciado, uma festa solene, expressiva e muito esperada era a festa da Vestição; nessa festa, os clérigos recebiam a batina e os coadjutores uma belíssima medalha de D. Bosco. A festa foi preparada por um tríduo pregado pelo Pe. Antônio Cojazzi, célebre professor e exímio educador vindo de Valsállice — Turim. A função da vestição contava com a presença do Reitor-Mor Pe. Pedro Ricaldone para pronunciar as palavras rituais: “Exuat te Dominus veterem hominem et induat te novum hominem...” Isso aconteceu no domingo, 29 de setembro de 1943.

Durante o noviciado, Pe. José aproveitou para aprender a tocar piano e aprimorar-se no canto gregoriano; quando convidado a proclamar a palavra de Deus, preferia cantá-la, pois era dotado de uma voz discretamente forte.

Era líder, mas não gostava de aparecer, preferia promover os outros. Emitidos os votos nas mãos do Reitor-Mor, Pe. Pedro Ricaldone, aos 16 de agosto de 1944, foi para o Estudantado de Filosofia de Foglizzo, perto de Turim, onde fez os três anos de Filosofia e Liceu Clássico. Apaixonado pelo saber, mergulhou de corpo e alma em todas as disciplinas, particularmente aprofundou-se na Filosofia grega. Discursava com muita propriedade sobre Aristóteles, Sócrates e Platão, alguns o apelidaram de Barbisan, o Aristotélico. O mesmo se diga dos clássicos latinos, Sêneca, Cícero, Tácito, etc... Da Matemática, Física e Química, em tudo se destacava pelo saber; os professores o admiravam, os colegas o respeitavam. Para obter um título reconhecido pelo Estado, era preciso prestar um exame, denominado de “Monstrum”. Tratava-se de enfrentar uma banca examinadora de onze professores no Liceu “Gioberti” de Turim e, durante horas, ser interrogado sobre toda a matéria estudada durante os três anos de Liceu, o que correspondia a uma verdadeira biblioteca. Barbisan passou como um gigante do saber, com as melhores notas. Os demais colegas, perante tanta sabedoria, foram todos beneficiados.

Depois que finalizou sua preparação Clássico-Científica, anteviu o próximo passo: a árdua e fascinante missão — a ceara imensa de Mato Grosso, onde o havia precedido o colega de infância, Pe. Mário Panziera.

Antes de partir, depois de sete anos, foi visitar os familiares;

2 — Depois dessa etapa, passou para o Colégio D. Bosco de Tupã, na função de conselheiro escolar. O Colégio de Tupã que fora também aspirantado até o final de 1959, agora seria somente escola para internos e externos. Lá lecionou diversas disciplinas para o colegial; preparava os alunos para os difíceis vestibulares. Sua permanência em Tupã foi curta, somente o ano de 1960.

3 — De 1961 até 1964, trabalhou em Campo Grande no Colégio D. Bosco; continuando como professor, em especial para os cursos do ensino médio ou colegial. As disciplinas normais mais complicadas, como matemática, física e química, eram as suas preferidas. Admirado por todos como excelente professor, trabalhava com dedicação e carinho pelo que podia fazer para com os jovens.

4 — Depois de quatro anos no Colégio D. Bosco, de Campo Grande, foi, em 1965, designado para ir trabalhar no colégio de Guiratinga como conselheiro escolar e professor. Permaneceu somente um ano nessa comunidade da Prelazia, cujo prelado já o conhecia desde os tempos em que fora assistente no S. Gonçalo de Cuiabá, e D. Camilo era o diretor do colégio naquele tempo, antes de ser sagrado bispo.

5 — Em 1966, foi transferido para o Seminário diocesano de Cuiabá. Esse seminário era cuidado e dirigido pelos salesianos da inspetoria de Campo Grande. Havia o ensino médio, e o Pe. Barbisan foi designado como formador e professor. Continuou seu exercício de magistério com toda a dedicação. Aí pode dedicar-se mais à música instrumental na banda do seminário, bem como na atuação como organista. Era o seu gosto particular. Aí sempre agiu com lisura e visando ao bem dos alunos; exigia disciplina e seriedade. Soube fazer-se respeitar e ser estimado por todos. Permaneceu cinco anos no Seminário do Cristo Rei de Cuiabá.

6 — Em 1972, reiniciou o seu trabalho de professor no colégio S. Gonçalo. Permaneceria nessa atividade até 1978. Tempo de grande atividade e de maestria em suas aulas e atividades pastorais. Nesse período, contribuiu muito para a firmeza do ensino, em especial no ensino médio. Tempos de renovação e de muitos alunos no ensino médio.

7 — Retornou por somente um ano para a mesma atividade de docente para o Seminário do Cristo Rei na Várzea Grande.

8 — Outra casa para onde foi designado para lecionar no ensino médio foi a de Barra do Garças, justamente depois de 1978. O

colégio surgira lá como uma espécie de amostragem da presença e atividade pastoral salesiana. Depois do trágico assassinato do Pe. Rodolfo Lunkenbein, em Meruri, em 1976, foi cogitado pelo centro inspetorial que um colégio na cidade da Barra concretizaria de outra forma a história dos salesianos na região. Tendo como diretor o Pe. Firmo Pinto Duarte, o colégio foi organizado por ele como um colégio competente. Para isso ele conseguiu que o inspetor enviasse para lá dois grandes professores salesianos: Pe. José Barbisan e Pe. Francisco Agreiter. Enquanto eles estiveram atuantes nesse colégio, a consistência perdurou. Mas outros salesianos depois não conseguiram manter a perspectiva de uma escola séria e competente. Após o directorado do Pe. Jorge Parovel, que conseguira manter o colégio em funcionamento, tendo sido mudado, os salesianos que para lá foram designados deixaram o colégio caminhar para a derrocada e foi fechado. Encerrou-se ali uma tentativa em que os salesianos competentes conseguiram realizar e cumprir com a finalidade da obra, posteriormente não foi possível e decretaram o fim do colégio D. Bosco de Barra do Garças. Pe. Barbisan permaneceu nessa comunidade até o final de 1985.

9 — Em 1986, foi designado para a comunidade formadora da Lagoa da Cruz; trabalhou como formador e professor. Depois que os estudantes de filosofia passaram a frequentar a FUCMT, ele também passou a lecionar nos cursos de licenciatura; porém seu foco principal seria o curso de filosofia. Até 1988, permaneceu na Lagoa da Cruz.

10 — De 1989 até 1993, passou a fazer parte da comunidade encarregada da UCDB como professor. Aí atuou, até quando pôde, como excelente professor nos cursos de Licenciatura. Impressionava sua impecável didática e sua capacidade de explanação do assunto a partir do que belamente escrevia no quadro-negro. Naquele tempo, não existiam computadores portáteis, nem projetores a não ser os retroprojetores, como material auxiliar didático. Assim Pe. Barbisan passou vários anos tendo como professor símile o também dedicado Pe. Walter Bocchi.

11 — Quando finalizava o seu tempo de professor, retornou para a casa de Barra do Garças, no início de 1994, para continuar o seu trabalho pastoral de Vigário Paroquial. Permaneceu lá até o final de sua vida. Nesse período sempre foi muito bem quisto pelas irmãs e pelos leigos; atendia a todos com simplicidade. Bem estabelecido, organizou sua vida da forma que lhe permitiam as forças. Viajou em

finalmente os superiores haviam ordenado que os estudantes de filosofia fossem visitar os próprios familiares. Ao aparecer de batina pela primeira vez diante deles, causou certo impacto; ao aproximar-se da casa onde havia nascido, percebeu que uma mocinha seguia-o; o clérigo Barbisan ficou incomodado, apressou o passo, e a mocinha fez o mesmo correndo e, ao entrar na casa dos pais, desabafou: “afinal o que você quer?” Ela respondeu: “Mas eu sou a tua irmã Iseta!” — Nesses sete anos, ela crescera, e o Barbisan não a reconheceria!

A Vida de Salesiano Missionário no Brasil

Chegou ao Brasil no dia 04 de fevereiro de 1948 iniciando a seguir seu tirocínio prático. A pedido do Diretor, Pe. Camilo Faresin, Diretor do S. Gonçalo de Cuiabá, foi para essa obra salesiana para ser assistente dos estudantes e professor. Primou por uma educação séria e exemplar nos estudos e nas celebrações litúrgicas com uma piedade profunda e sincera. Em 1949 e em 1950, foi assistente no Patronato Santo Antônio de Coxipó da Ponte — MT. Foram tempos tranquilos e serenos naquele ambiente às margens do Rio Coxipó. A casa, porém, não dispunha nem de um piano nem de um órgão; mas notou que, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Guia, sob o cuidado das Irmãs Salesianas, havia um harmonium. Então, de vez em quando, enquanto os meninos internos dormiam, ia até a paróquia, procurava alguma janela aberta e, para não incomodar a ninguém, pulava a janela e, no silêncio e na escuridão da noite, tocava com competência e arte. Oh! Santa simplicidade! Dizia-me o Pe. José que, no começo, as irmãs julgavam tratar-se da presença de seres celestiais; uma irmã mais corajosa não queria perder a oportunidade de ver um anjo e, à luz de uma vela, pois a luz elétrica não circulava a noite toda, entrou na igreja, seguida pelas demais irmãs e depararam com o jovem Clérigo que muito se desculpou. Arrumaram-lhe depois uma chave para que pudesse ir quando quisesse. O anjo da bondade e de beleza encantadora estava realmente lá, chamava-se José Barbisan.

Sua profissão perpétua aconteceu em Cuiabá, no final de seu tempo de tirocínio e antes de ir para S. Paulo. Deve ter sido uma celebração simples, conforme era o costume naquele tempo. Então, no dia 15 de julho de 1950, proferiu sua profissão perpétua ao findar o tempo de seus votos temporários; devido a isso é que fez sua profissão nessa data, e não ao findar o retiro dos salesianos no início de cada ano.

De caráter sóbrio e retraído transcorreu os anos de tirocínio sem aparecer. Terminada essa etapa da formação, foi enviado para S. Paulo, para os estudos teológicos, em um ambiente tão desejado: aulas, professores exímios, livros, em grande parte, escritos em latim, um ou outro em grego e um em hebraico. Voltou ao ambiente de estudo em que figurava como um rei. Após o primeiro ano, os superiores da Lapa, apreciando os seus talentos, enviaram-no para frequentar as aulas na Pontifícia Faculdade de Teologia do Ipiranga, da arquidiocese de S. Paulo. Levava tudo a sério, posição de uma pessoa que se preocupa em ser mais e melhor, do que ter as coisas. Foi ordenado sacerdote aos 08 de dezembro de 1954, no ano centenário da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição de Maria; foi ordenado pelo então arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta.

Regresso à Inspetoria e trabalhos pastorais

Ao voltar para a inspetoria de Campo Grande, por mais de 44 anos seria um professor querido e competente. Passou por várias casas e exerceu seu trabalho de docência até 1998, quando deixou o magistério para se dedicar exclusivamente ao trabalho pastoral como pároco do Pontal da Barra do Garças, ou como vigário paroquial, até quando a saúde lhe permitiu rezar as santas missas e atender os paroquianos.

Nessa jornada, em especial, deve-se assinalar a sua atuação como professor nos diversos lugares ou casas da inspetoria.

1 — Depois de sua ordenação foi designado, no início do ano de 1955, como formador e professor na casa da Lagoa da Cruz, no Instituto Pedagógico S. Vicente. Lá estavam os estudantes de filosofia que realizavam a complementação de seus estudos. Estudavam os tratados clássicos da filosofia e completavam as disciplinas do ensino clássico como matemática, história, literatura, línguas, física e química. Lecionou por vários anos os tratados principais da filosofia clássica escolástica. Nesse particular, sempre foi muito competente e didático. Além disso, exercia o papel de formador dos novos salesianos. Foram anos intensos, pois a maioria dos estudantes eram missionários vindos da Europa e necessitavam completar os seus estudos e aprender a língua portuguesa para depois atuarem como professores e assistentes nos diversos colégios e casas de formação da inspetoria. Aí permaneceu cinco anos exercendo essas funções.

peregrinação a Medjugorje, e trouxe a fixação de que fora curado de seus achaques e que não mais necessitaria de qualquer medicamento para o resto da vida. Diversas vezes, teve que ser atendido por médicos em Campo Grande, mas de nada valiam as receitas, pois estava convencido de nada valiam os remédios; somente mais tarde que admitiu o seu engano.

Nesses tempos ele sempre participou dos retiros espirituais dos salesianos que aconteciam na Chapada dos Guimarães, na casa dos Sonhos. Era, durante os retiros, o momento de sua vivência intensa emocional. Recordava-se de tudo em sua vida e queria reviver esses momentos de intensa vida afetiva salesiana. Às vezes, rompia com sua inevitável fachada de homem sem sentimentos e deixava-se emocionar e chorava com a simplicidade de uma criança. Ao final dos retiros, nas palavras ou cantos comemorativos, ele queria participar de tudo. Não podia cantar os cantos tradicionais de sua pátria querida — Giu daí Colli, ou Sul maré, ou Torna Surriento, ou outros — e caía no choro de saudades de tantas intensidades vivenciadas anteriormente.

Conclusão

Assim se encerra o testemunho que foi escrito sobre sua infância e tempos de estudos: “Sempre se dispôs com gosto e alegria a trabalhar para abrilhantar festas escolares, desfiles patrióticos, comemorações religiosas; nunca quis aparecer, ficava na sombra, mas se prestava para tocar e animar a banda musical do S. Gonçalo, do Seminário Cristo Rei. Sempre atento para exigir disciplina e seriedade nas aulas e no estudo. Soube, à sua maneira, fazer-se amar e respeitar. Na atividade pastoral paroquial, foi sempre muito dedicado, sempre incentivou os leigos na vida eclesial, construiu capelas, ampliou outras, captando recursos especialmente entre os parentes e fiéis da terra natal. Admirado por todos pela sua compreensão, incapaz de ofender a quem quer que seja, paciente não se alterava nunca.... nem com as longas e contínuas porfias e diatribes que intelectualmente aconteciam diariamente com o outro grande professor, Pe. Francisco Agreiter. Viveu pobre, não guardava nada para si, tudo o que recebia era para os outros. No final da vida, sempre andava mal vestido e não aceitava trocar suas velhas peças de roupas por outras mais condizentes.

Temos que destacar sua grande devoção a Nossa Senhora.

Assim se compôs sua alma salesiana, pela dedicação ao trabalho e ao bem dos jovens. Foi salesianamente exemplar apesar de suas grandes intransigências e fixações motivacionais. Dedicou toda a sua vida para o bem dos jovens e para a grandeza dessa inspetoria missionária de Santo Afonso Maria de Ligório.

Continuemos a rezar por ele com a nossa fraterna lembrança.

Campo Grande, 13 de agosto de 2011.

Pe. Afonso de Castro

Dados para o Necrológio

Pe. José Barbisan, SDB

★ 07 de janeiro de 1928, em Volpago Del Montelio/Treviso-Itália

† 28 de março de 2009, em Campo Grande/MS – Brasil

Aos 81 anos de idade

55 anos de sacerdócio

65 anos de profissão religiosa